

AURÉLIA DE SOUSA

1865-1922

UM ALTO ESPÍRITO E UMA INVULGAR ORGANIZAÇÃO DE PINTORA

ENTRE as mulheres-artistas que à arte de pintar teem dado seu entusiasmo e saber, Aurélia de Sousa é, sem dúvida, quem maior renome conquistou e à sua obra deu um mais nobre e seguro destino.

Pelo invulgar sentimento e superior compreensão dos assuntos que para as suas telas elegeu; pela fôrça e penetração expressiva de que soube revestir a forma, a ilustre artista conseguiu um destacante lugar no meio artístico português. Possuidora dum estranho e nítido temperamento, a pintora ilustre obteve para a sua arte uma rara perfeição, imprimiu um tal vigor à sua técnica como só aos grandes realizadores é dado conseguir.

A grande pintora portuense é, depois de Josefa de Óbidos, a mais forte e mais perfeita organização de mulher-artista que ainda houve em Portugal. Dum invulgar talento, aliado a uma vontade firme de vencer, estava-lhe destinada uma brilhante carreira no domínio da arte, através da qual o seu nome devia deixar um sulco luminoso. Impôs-se de tal modo e a tam alto se elevou que raros são os homens pintores que, no seu tempo ou fora dêle, conseguiram atingi-la ou ultrapassá-la.

Freqüentou a Escola de Belas Artes do Pôrto onde, com distinção, completou o seu curso, tendo por mestre o inolvidável Marques de Oliveira e por condiscípulos, entre outros, Raul Maria Pereira — um valor que se deixou aniquilar antes de morrer — e Acácio Lino. Seguidamente partiu para Paris onde continuou os seus estudos no convívio das obras-primas dos grandes mestres da pintura mundial. Em contacto com essa admirável e permanente escola, que são os museus, assistiu ao renovador e sempre notável movimento das suas inúmeras exposições, principalmente a do chamado *Salon* — que, certamente, por êsse tempo, ainda não tinha chegado ao plano decadente em que hoje se encontra.

A expressão técnica e a luminosidade de alguns dos maiores Impressionistas muito deviam ter-lhe enriquecido a visão. Se a sua rara sensibilidade muito devia ter vibrado diante das telas de Manet e Monet, não será de mais afirmar-se que foi James Mac Neill Whistler, o mago e requintado estilista, o elegante intelectual americano-parisiense, quem mais parece ter penetrado o seu invulgar espírito. Êste requintado orgulhoso dá-nos tôda a elegância nórdica, apurada no convívio das obras dos grandes mestres doutras eras, princi-